

Vacinação estagnada amplia ameaça de nova onda

COVID - 19

Subvariantes da Ômicron chegam a São Paulo e ao Amazonas sem que quarta dose avance, assim como o imunizante para crianças. Especialistas temem outra escalada de casos

Nova ameaça encontra vacinação estagnada

SÍLVIA PIRES E MARON FILHO*

A chegada ao Brasil de novas subvariantes da Ômicron, cepas do coronavírus, encontra o processo de vacinação estagnado em Minas e em cidades como Belo Horizonte, onde o público abaixo dos 40 anos segue sem data para ser imunizado com a quarta dose contra a COVID-19. Crianças de 3 e 4 anos, também estão à espera de doses da vacina CoronaVac. Até o momento, apenas 23,9% nessa faixa etária receberam a primeira dose. Segundo nota divulgada ontem pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), "há falta do imunizante CoronaVac na capital. É importante reforçar que as vacinas são disponibilizadas pelo Ministério da Saúde, que as encaminha para os estados que, por sua vez, repassam as doses aos municípios".

Em todo o país, a ameaça coincide com o relaxamento geral de todas as medidas de prevenção, incluindo o uso de máscaras, praticamente abolido — embora já comece a ser retomado por iniciativas isoladas, como a anunciada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), para todas as áreas de saúde e em ambientes fechados. A preocupação ganhou um ingrediente a mais depois que a Fiocruz identificou, nessa segunda-feira, o surgimento de uma nova variante do coronavírus no Amazonas. Chamada de BE.9, a nova variante trata-se de uma versão da Ômicron e pode ser atribuída ao aumento do número de casos no estado.

Em BH, onde a proporção de testes positivos para COVID-19 passou de 3% para 6% em duas semanas, apenas 37,2% da população tomou o segundo reforço do imunizante, como é conhecida a quarta dose. Isso significa dizer que quase 715 mil belo-horizontinos ainda não voltaram para receber o imunizante, disponibilizado desde o fim de junho para os maiores de 40 anos. Esse cenário de baixa cobertura vacinal e queda da proteção conferida pelas vacinas anteriores expõe a população ao risco de uma nova onda da doença.

A Prefeitura de Belo Horizonte e o governo de Minas informam que aguardam liberação do Ministério da Saúde para ampliar o público da quarta dose. Enquanto isso, Nova Lima, na região metropolitana da capital, já disponibilizou o imunizante para quem tem mais de 18 anos e tomou a terceira dose há, pelo menos, quatro meses.

Atualmente, o Ministério da Saúde recomenda a quarta aplicação apenas para idosos suprimidos com 12 anos ou mais. A pasta destaca que a Câmara Técnica de Assessoramento em Imunizações mantém discussões referentes às alterações do esquema vacinal para novos grupos. Não há informações sobre novas reuniões de trabalho para recomendar a ampliação do público apto a receber o reforço vacinal. No país, no entanto, pelo menos sete estados já liberaram a quarta dose para o público geral, entre eles São Paulo e Espírito Santo.

Enquanto isso, os belo-horizontinos cobram a ampliação da oferta da vacina e se dizem ansiosos para receber mais uma dose. A auxiliar administrativa Renata Araújo, de 31 anos, é uma das pessoas que aguardam ansiosamente a liberação do reforço para sua faixa etária. "Acho importante que todos tomem. Quase perdi meu pai na pandemia, e não quero que isso passe por mim novamente por descuido do poder público", afirma.

Na avaliação dela, que trabalha em uma unidade de saúde, apesar de não haver consenso sobre a ampliação dessa oferta, toda proteção é válida. "Eu que trabalho em hospital vejo os casos aumentando e me sinto cada vez mais desesperada. As pessoas acham que a pandemia acabou", avalia. Muitos especialistas concordam com Clarissa e chamam a atenção para a drástica redução do risco de mortalidade pela COVID-19 com a quarta dose da vacina.

Após ver o avô ser internado no início da pandemia, a costureira Aline Nunes, de 29, diz que não se sente segura, nem mesmo com a vacinação em dia. Depois da flexibilização no uso de máscaras em Belo Horizonte, a família manteve o uso do acessório de proteção e todas as rotinas de higiene. "Vou para o trabalho de máscara, uso álcool em gel, continuo a rotina normalmente. Moro com meus avós, tenho muito medo de levar essa doença de novo para eles e colocá-los em risco", declara. Ela já tomou três doses da vacina e está na expectativa de que a quarta seja liberada em breve. "Eu não entendo por que não liberam isso logo. Ouvi dizer que tem vacina até vencendo nos estoque. Não tem motivo essa política antivacina", disse.

* Estóprio sob supervisão do editora Ellen Cristle



RAFA AMARAL/EM/D.A. PRESS

Vacina distante: enquanto muita gente reclama da falta de avanço nas escalas da imunização de reforço, maioria dos que já têm direito à quarta dose ainda não procurou os postos em Belo Horizonte

“Estamos assistindo preocupados à imersão de variantes, como a B.Q1. As próximas semanas terão um aumento absurdo de casos, justamente porque essas variantes infectam com facilidade maior do que as primeiras”

Leandro Cury, médico infectologista, ex-integrante do Comitê de Enfrentamento a COVID-19 de Itirubi, no Grande BH

Vacina disponível e baixa cobertura

Apesar dos apelos para ampliação das faixas etárias com direito à aplicação da quarta dose, a maioria dos que já poderiam tomá-la ainda não procurou os postos. Quase quatro meses após o segundo reforço ser disponibilizado para o público acima de 40 anos em Belo Horizonte, apenas 37,2% das pessoas convocadas completaram o esquema vacinal, conforme dados do mais recente boletim divulgado pela PBH, na quarta-feira (9/11).

O público estimado para receber a nova aplicação em BH é de 1.194.693 pessoas acima de 40 anos. Desse total, menos de 480 mil pessoas já tomaram o reforço. Mesmo antes de abrir a vacinação para pessoas acima de 40 anos, nem metade da população estava com o calendário em dia. No boletim epidemiológico divulgado em 1º de julho, a cobertura vacinal do público acima de 58 anos estava em 39,3%, considerando um grupo de mais de 500 mil pessoas elegíveis para a vacina.

Em todo o estado, a realidade não é muito diferente. De acordo com o painel do vacinômetro, da Secretaria de Estado de Saúde (SES-MG), a segunda dose foi aplicada em 83,36% dos mineiros, enquanto 63,36% receberam a terceira dose, ou primeiro reforço. A quarta dose atingiu 41,36% do público-alvo. A pasta estuda ampliar o reforço sem o aval do Ministério da Saúde. "Caso percebamos que a população está correndo mais risco devido à demora da decisão, a gente vai tomar a medida antes", afirmou o secretário de Saúde de Minas Gerais, Fábio

Racchetti, em coletiva de imprensa em 26 de outubro.

Desde então, porém, isso não ocorreu. Ele defende que o reforço seja feito antes de março, quando é esperado aumento de doenças respiratórias, incluindo a COVID-19. "O reforço imunológico da vacina se dá em duas a três semanas, então, que comece a vacinação em janeiro e fevereiro", propôs.

O temor de especialistas, no entanto, é de que essa escalada de casos seja vista já nas próximas semanas. "Estamos assistindo preocupados à imersão de variantes, como a B.Q1, que já estão afetando pessoas. As próximas semanas terão um aumento absurdo de casos, justamente porque essas variantes infectam com facilidade maior do que as primeiras", ava-

liou o infectologista Leandro Cury, que integrou o Comitê de Enfrentamento à COVID-19 de Itirubi, no Grande BH.

As primeiras vacinas, segundo avaliação de infectologistas, serviram para evitar a ocorrência de casos mais graves da doença, porém, elas têm impacto restrito sobre a transmissão, especialmente com as novas variantes. Para Cury, a demora em ampliar o público apto a receber o reforço representa um atraso no calendário vacinal. "Temos um déficit na vacinação, ela ficou congelada. Com a evolução das variantes, qualquer pessoa pode adoecer". Estamos falando de um vírus para o qual, infelizmente, a infecção não gera uma vacina de longo prazo; quem tomou a vacina vai perdendo anticorpos com o tempo", disse.



TELUO SANTOS/EM/D.A. PRESS - 9/11/21

O infectologista Estevão Urbano, que integrou o comitê de combate à COVID-19 da Prefeitura de BH, chama a atenção para a possibilidade de jovens disseminarem o vírus

Prazo de proteção provoca dúvidas

O infectologista Estevão Urbano, que integrou o extinto Comitê de Enfrentamento à COVID-19 da Prefeitura de Belo Horizonte, adverte para uma queda significativa na imunidade proporcionada pelas primeiras doses das vacinas contra o coronavírus. "É possível que a imunidade da terceira dose caia, que ela somente não seja suficiente e que, com o tempo, essa imunidade siga declinando e deixe a pessoa desguarnecida novamente", afirma.

Com a chegada da nova subvariante da Ômicron, aumenta o risco de formas graves da doença e mortes, afirma. "Estamos com flutuações. A COVID-19 tem vindo em ondas. Uma onda pode sumir e outra começar a aparecer. Todo cuidado é pouco. As pessoas mais jovens, que estão vacinadas, não devem esquecer de que elas têm em casa um pai, uma mãe, avós que estão morrendo, mesmo vacinados", avalia o infectologista. A ampliação da vacina para todos os públicos é vista, ainda, como forma de proteger os mais vulneráveis, especialmente devido ao descuido dos mais jovens. "A gente tem visto um alto nível de

contaminação entre os jovens. As mortes caíram, mas as contaminações continuam alarmantes", afirma. "Quando se fala em vacinação, esse público de até 40 anos circula muito, e com isso, sai transmitindo a doença. E esse público que também vai se contaminar e transmitir o vírus", complementa Leandro Cury.

Para especialistas, a estabilidade dos casos de COVID-19 trouxe uma falsa sensação de segurança. Com média móvel diária de mortes pela COVID-19 com redução de 7% em Minas Gerais, o índice indica uma tendência de estabilidade nos casos graves da doença. "Hoje, o número de óbitos está em patamar bem inferior ao período de pico. A partir do momento em que chega esse sentimento de conforto, as pessoas se esquecem de que ele tem que ser mantido por outras medidas de prevenção. Quando explode de novo, começa tudo do zero", afirma.

Também na última semana, mais 628 testaram positivo para o coronavírus no estado, segundo dados da SES-MG. O total de casos confirmados em Minas chegava na sexta-feira a 3.885.219 desde o início da pandemia, com 63.897 mortes.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 8